



DA PASSAGEM DO COMETA HALLEY À VISITA DA RAINHA DO FRANGO ASSADO: PRESENÇA DE ALEX VALLAURI EM FORTALEZA

FROM THE PASSAGE OF HALLEY'S COMET TO THE VISIT OF THE ROAST CHICKEN QUEEN: PRESENCE OF ALEX VALLAURI IN FORTALEZA

Marco Túlio Lustosa de Alencar¹

Universidade de Brasília

RESUMO

Pioneiro do grafite no Brasil, Alex Vallauri (1949-1987) transpôs para a galeria os signos e símbolos que estampava em paredes e muros das cidades. O sucesso de sua instalação “A festa na casa da Rainha do Frango Assado”, na XVIII Bienal de São Paulo, proporcionou convites para expor excertos do trabalho em outras localidades. Em Fortaleza, na inovadora Arte Galeria, a exposição, em 1986, foi vista como uma oportunidade de atualização do cenário local. Naquele ano, o artista já havia participado de uma mostra coletiva alusiva à passagem do Cometa Halley na mesma instituição. Nessas ocasiões, Vallauri chamou a atenção para novas possibilidades da arte numa época em que a capital cearense não contava, por exemplo, com um curso superior de artes, também não se identificava uma atuação regular da crítica e os espaços institucionais funcionavam precariamente.

Palavras-Chave: Alex Vallauri. Grafite. Instalação-grafite. Arte Galeria. Arte pública.

ABSTRACT

A pioneer of graffiti in Brazil, Alex Vallauri (1949-1987) transferred to the gallery the images he used to stamp onto walls and surfaces of the city. The success of his installation “A festa na casa da Rainha do Frango Assado” (Party at the Home of Roast Chicken Queen), shown at the XVIII Bienal de São Paulo, led him to be invited to exhibit excerpts of installation in other Brazilian cities. The exhibition at the innovative Arte Galeria, in Fortaleza, capital of state of Ceará, in 1986, was seen as an opportunity to update the local scene. That year, the artist had already taken part in a group exhibition allusive to the passage of Halley's Comet at the same gallery. On both occasions he drew attention to new possibilities for art, at a time when the city did not have a higher education course in arts, there was no regular critics activity and institutional art spaces worked precariously.

¹ Mestre em Artes, linha Teoria e História da Arte, pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade de Brasília - PPGAV/UnB. Graduado em Teoria, Crítica e História da Arte pela UnB e em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará (UFC). É membro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas - ANPAP. E-mail: marcotulioalencar@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4030-5584>. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/0389570096101553>.

KEYWORDS: Alex Vallauri. Graffiti. Graffiti-installation. Arte Galeria. Public art.

Em 11 de abril de 1986, um fenômeno astronômico fez muita gente olhar para cima. A previsão era de que, à noite, 76 anos depois de ter assustado e maravilhado o mundo, o Cometa Halley surgiria cruzando o espaço, visível a olho nu. Formou-se uma grande expectativa e as pessoas procuravam os melhores locais para acompanhar a passagem do objeto celeste. Por toda parte, no entanto, a frustração foi geral. E em Fortaleza, para culminar, o céu encontrava-se nublado e chuvoso, decepcionando ainda mais os que acorreram à Ponte Metálica – como é conhecida a Ponte dos Ingleses, um píer na famosa Praia de Iracema. Enquanto isso, não muito longe dali, estava sendo montada uma exposição alusiva ao acontecimento. Dentro de alguns dias, a coletiva “Imagine: o Planeta saúda o Cometa” iria reunir, na Arte Galeria, uma *constelação* de artistas, entre os quais figurava Alex Vallauri (1949-1987), pioneiro do grafite no Brasil, que reverenciou o astro com um pequenino recorte em vinil no formato mais usual para representar esse corpo celeste (Imagem 1).

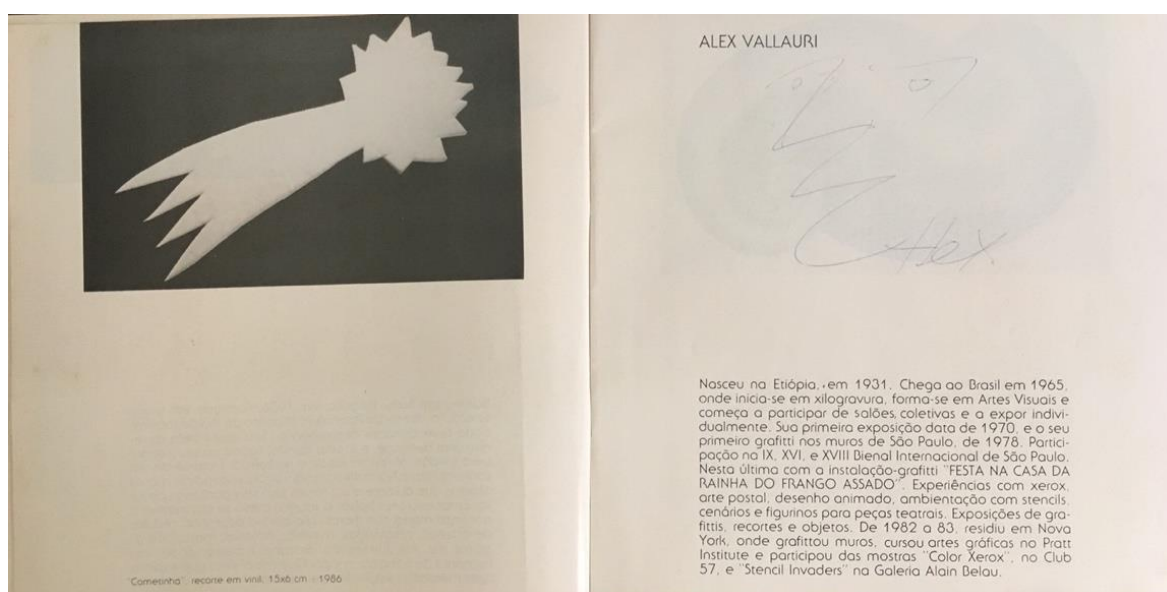


Imagem 1. Catálogo da exposição “Imagine: O Planeta saúda o Cometa”, Arte Galeria (Fortaleza), de 17 de abril a 17 de maio de 1986. Nas páginas, reprodução da obra *Cometinha* (1986), recorte em vinil, 15x6 cm, informações sobre o artista e autógrafa de Alex Vallauri. (Foto do autor)



Na abertura, Vallauri era um dos presentes, em meio a convidados e participantes da mostra, como a paulistana Leda Catunda (1961) – que naquele momento se firmava no cenário da arte nacional –, além de nomes (consagrados) como Sérvulo Esmeraldoⁱ (1929-2017), juntamente com os também cearenses Sérgio Pinheiro (1949-2021) e José Porto (1951). Ao todo, 26 artistas foram listados no catálogoⁱⁱ, cujo texto ficou a cargo do poeta Décio Pignatari (1927-2012), que escreveu: “(...) Crianças e artistas já pintam o Halley antes do Halley... Mas como será o Halley durante o Halley... Como será o Halley pós-Halley?...” (1986, n.p).

Possíveis respostas ao questionamento estavam nas obras em técnicas variadas que exaltaram o acontecimento, a maioria realizada especialmente para a coletiva, como o “Cometinha”, de Vallauri. Por sua vez, Alex Nicolaeff (1935) pintou “Grande lápis das cores”, em referência aos tons da cauda do astro, utilizando pastel de cera sobre algodão cru. Já Regina Silveira (1939) enviou à galeria uma “Poltrona para ver o Cometa”, em acrílica sobre tela. Enquanto Guto Lacaz (1948) montou um microscópio contendo uma lâmina na qual estava impressa imagem que indicava o efeito deixado pela passagem desse objeto celeste – trabalho intitulado “Imagine o Halley”.

Durante o vernissage, o artista conversou com interessados em seu peculiar itinerário, trocou ideias com os colegas e respondeu aos jornalistas. Pode-se mesmo afirmar que se sentia em casa, pois, como observa o professor João J. Spinelli, historiador e crítico de arte, pesquisador da obra e da vida do artista, Alex Vallauri

(...) tinha especial carinho pela região Nordeste do Brasil. Amava a afetividade de seus habitantes, que por sua vez o admiravam muito. Assim as viagens e lembranças desta região, iniciadas nos anos 1970, se transformaram, no final de sua vida, em imagens icônicas para novos grafites: *Cactus*, *Tatus*, *Porcos-espinhos*, *Tamanduás* e até uma *Fêmea de polvo com óculos de sol*, uma forma bem-humorada de o artista homenagear a região brasileira que sempre o recebeu e o aplaudiu com entusiasmo. (SPINELLI, 2010, p. 164)

Entre os muitos signos (como estes indicados acima) criados ou incorporados ao repertório do artista, alguns inspirados pelas histórias em quadrinhos ou heróis televisivos – imagens que passaram a ser imediatamente reconhecidas no espaço urbano como relacionados à obra de Vallauri –, o cometa perdurou, sendo incorporado a outros trabalhos da década de 1980, como “O Mágico” (Imagem 2), conjunto de



várias figuras em PVC, pintadas com tinta spray, que parecem emergir de uma cartola, atualmente no acervo do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP).



Imagem 2. Alex Vallauri, *O Mágico*, Spray sobre pvc, 200,00 cm x 110,00 cm, Coleção Museu de Arte Moderna de São Paulo - Doação Suzanna Sassoun. Reprodução fotográfica Romulo Fialdini.
Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra60602/o-magico>

Da gravura à instalação-grafite

No percurso em direção aos recortes-grafites, denominação dada às peças como o diminuto objeto da exposição que celebrava o Cometa Halley, Vallauri trilhou um caminho que terminaria por consagrá-lo como “pai do grafite em ruas brasileiras, um dos primeiros ativistas ligados à arte pública, um dos pioneiros no uso da cidade como suporte da criação gráfica por aqui” (WEISS, 1998, p. D12). Ou nos dizeres de Aracy Amaral (2006, p. 145), ele havia passado, nesse trajeto, de personalidade marginal a artista, “levando para dentro das galerias suas figuras inspiradas nos *mass media*, mas com um encanto singular ao ocupar paredes de interiores”. Contudo, apontou Spinelli (2013, p. 6), “uma carreira desenvolvida num curto intervalo cronológico: entre 1967 e 1987”.



Nascido em 1949, em Asmara, na Eritreia (antiga Etiópia, colonizada pela Itália), Alessandro Marco Vallauri mudou-se com a família, no ano seguinte, para Buenos Aires. Em 1964, chegam ao Brasil e fixam residência em Santos (SP), onde, dois anos depois, ele já se exercitava nas cores, xilogravura, desenhos e aquarelas. A entrada no curso de Comunicação Visual da Faculdade de Artes Plásticas da Fundação Álvares Penteado (Faap) ocorre em 1968. A partir de então, começa a participar de salões de arte e integra o Núcleo de Gravadores de São Paulo, realizando sua primeira individual em 1970, na Associação dos Amigos do MAM-SP.

A estreia na Bienal de São Paulo ocorreu em 1971, com três gravuras em grandes formatos. Entre 1973 e 1975, dá aulas na Faap. Nesse período, recebe passaporte italiano e resolve viajar pela Europa. Lá, consegue estágio e toma parte em práticas artísticas, incluindo trabalhos em xerox. Na volta, em 1977, incrementa a produção de fotografia e vídeo, bem como faz desenhos e gravuras baseados em imagens fetichistas, como a *Bota preta* (1978), que iria estampar nas superfícies das ruas paulistanas – iniciando a atividade de grafiteiro, que intensifica nos anos subsequentes. Em 1982, parte para estudar gravura no Pratt Institute, em Nova York, cidade na qual deixa sua marca em muros e paredes. No final de 1983, retorna ao Brasil.

Por meio do grafite, dá sua contribuição ao movimento *Diretas Já*, impulsiona as intervenções urbanas e participa de mostras coletivas, cujos temas eram arte postal, grafites e multimeios, entre outros; também inaugura individuais, lança livros de artista, idealiza os recortes-grafites e imprime em *stencil art*,ⁱⁱⁱ com a utilização de materiais sólidos, como PVC, ou emborrachados, caso do EVA. Em julho de 1984, participa da emblemática exposição “Como vai você, Geração 80?”, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro^{iv}. Naquele momento, entre outras questões, os artistas realçavam o corpo em várias dimensões. No caso da *figuração pop*, revelavam “heróis anônimos como (...) os seres grafitados por Alex Vallauri” (NAME, 2004, p. 17).

Em outubro do ano seguinte, na XVIII Bienal Internacional de São Paulo, inaugura a instalação *A festa na casa da Rainha do Frango Assado*, uma de suas obras mais debatidas e também uma das mais discutidas da mostra^v. Aquela edição tinha como



mote “O Homem e a Vida” e a comissão organizadora “considerou a obra de Vallauri fundamental para a temática” (SPINELLI, 2010, p. 131). Na carta enviada ao artista, pela curadora Sheila Leirner (1948), ainda foram apontadas características como a “visão pluralista dos anos 80, a interdisciplinaridade, a eliminação de fronteiras estéticas, a mistura dos meios e categorias artísticas” (*apud* SPINELLI, 2010, p.131).

Segundo João J. Spinelli (p. 131), inicialmente, Vallauri concebia grafites “para serem estampados sozinhos”, porém, com o passar do tempo, utiliza várias matrizes simultaneamente: “Essas pequenas cenografias pictóricas, bidimensionais, foram ampliadas, transfiguraram-se progressivamente em ambientações tridimensionais, até sua metamorfose, na instalação da XVIII Bienal (...)”. O trabalho, que se tornou um dos mais visitados da história do evento, estendia-se por várias áreas do Pavilhão no Parque do Ibirapuera^{vi}.

Na “casa” propriamente dita, havia mobiliário diverso, eletrodomésticos e vários objetos de uso residencial. Até uma bicicleta, um carrinho de bebê e um automóvel compunham o quadro. Esses elementos receberam o “toque” do artista e estavam dispostos em ambientes – sala, cozinha, banheiro e jardim – onde imperavam os já consagrados recortes-grafites e as estampas de Vallauri. Personagem principal, “a Rainha era uma metáfora do *kitsch* e do sensual. Vestida com um corpete agarrado ao corpo, ela usava luvas, botas de cano alto e piteira. Ao seu lado, um frango assado e peças de piquenique davam ao grafite uma atmosfera chique-cafona”, na descrição do jornalista Danilo Agrimani (*apud* SPINELLI, 2010, p. 133).

O sucesso na Bienal e a repercussão da obra^{vii} fizeram com que Vallauri fosse “convidado a expor excertos ou releituras dessa mesma instalação em outros espaços e cidades. Em Fortaleza, na Arte Galeria, mostrou *A Rainha do Frango Assado visita a Rainha do Ceará*, também um grande sucesso de público e crítica” (SPINELLI, 2010, p. 154). A exposição (Imagem 3) fez Alex Vallauri voltar à capital cearense quatro meses após integrar a coletiva em torno do Cometa Halley.

32º
Encontro
Nacional
da *anpap*.



A Rainha do Frango Assado visita a Rainha do Ceará
Instalação Graffiti de Alex Vallauri

Alex Vallauri, italiano, chegou ao Brasil em 65, iniciando-se em xilogravura. Fascinado pela democratização dos métodos de reprodução, explora as várias técnicas de gravura em metal, lito, silk-screen e técnicas mistas.

Em 1978, com o surto de românticos poetas pixadores, que usam como suporte os muros da cidade, Alex começa a graffitar silhuetas de figuras, através de spray aplicado sobre matrizes de papelão vazado. Nos muros de São Paulo, surgem enigmáticas botas pretas de cano longo e salto agulha, no mesmo estilo luvas apontando, biquínis de bolinhas e belas panteretas.

Preocupado com a rápida identificação da população urbana, Alex graffita imagens de símbolos que estão no inconsciente coletivo, como cupidos, diabos, acrobatas e bruxas. Estas imagens atávicas se misturam com símbolos de comunicação de massa: televisões, guitarras, e telefones, donde jorram como mágica, pautas musicais, corações, alfinetes, piões, parafusos, raios e estrelas.

Estes graffitis que pertencem ao visual urbano do dia-a-dia do habitante da cidade, (em 82 e 83 Alex graffitou em New York) são deslocados dos muros e graffitados em camisetas, broches recortados, adesivos em vinil, com isto circulando entre as pessoas verdadeiros suporte móveis: repuas, motos, carros, etc.

As silhuetas dos graffitis recortados em PVC, decotam os muros interiores das casas: uma garota de botas ao telefone, a fruteira na coluna grega, são graffitis-recortes integrados na decoração, criando com os objetos reais, uma situação ambiental.

Ao lado da janela-graffiti com o sky-line noturno de New York, um trompetista entretem as pessoas do bar-graffiti, que aguardam tomando drinks, um suculento frango assado na lareira-graffiti.

Com participação lúcida do espectador, estes graffitis-recortes, podem criar inúmeras situações, dando a cada associado um renovado sentido de humor. Característica contagiante no trabalho de Alex Vallauri.

Maurício Villaça

ARTE galeria
barão de aracati 80
60.000 fortaleza-ce-brasil

13 de agosto, 4ª feira às 21 hs.
de 13 a 31 de agosto de 1986

**APOIO
TRANSBRASIL**

Imagem 3. Folder/convite da exposição *A Rainha do Frango Assado visita a Rainha do Ceará – Instalação Graffiti de Alex Vallauri*, Arte Galeria, Fortaleza, 13 a 31 de agosto de 1986 (Foto do autor)

Na galeria e nas ruas

Nas duas ocasiões, o artista transpôs para Fortaleza a prática do grafite, que adotara havia uma década – tornando-o famoso – em megalópoles como São Paulo e Nova York (nesta última, intervenções de sua autoria na ilha de Manhattan transformaram-se em cartão postal). Maurício Villaça (1951-1993), um dos expoentes da arte urbana nacional, que conviveu e atuou ao lado de Vallauri, inclusive colaborando com este e vice-versa, resumiu:

Em 1978, com o surto de românticos poetas pixadores, que usam como suporte os muros da cidade, Alex começa a graffitar silhuetas de figuras, através de spray aplicado sobre matrizes de papelão vazado. Nos muros de São Paulo, surgem enigmáticas botas pretas de cano longo e salto agulha, no mesmo estilo luvas apontando, biquínis de bolinha e belas panteretas^{viii}. (sic)

Preocupado com a rápida identificação da população urbana, Alex graffita imagens de símbolos que estão no inconsciente coletivo, como cupidos, diabos, acrobatas e bruxas. Estas imagens atávicas se misturam com símbolos da comunicação de massa: televisões, guitarras, e telefones, donde jorram como mágica, pautas musicais, corações, alfinetes, piões, parafusos, raios e estrelas. (sic) (VILLAÇA, 1986, n.p)

Em Fortaleza, antes que as intempéries ou os proprietários das edificações pusessem fim, as impressões – de conhecidas imagens e personagens, em estêncil ou completadas à mão livre – deixadas por Vallauri podiam ser vistas, entre outros, em locais como a Casa de Cultura Raimundo Cella, no centro, e em pontos ao longo da avenida Dom Manuel, que liga a região central à Praia de Iracema, bairro onde



também espalhou os muitos signos de sua linguagem visual em paredes de endereços diversos.

Um desses muros pertencia à própria Arte Galeria, que funcionava no térreo de um imóvel com quintal, no número 80 da rua Barão de Aracati, praticamente à beira-mar, que deu lugar a um dos muitos arranha-céus construídos naquela área. No primeiro andar, funcionava o ateliê do multiartista Sérvulo Esmeraldo, companheiro de Dodora Guimarães (1954), que estava à frente da galeria^x, surgida do desejo de dotar Fortaleza de um espaço de arte contemporânea, inexistente no início dos anos 1980. As atividades da Arte Galeria prosseguiriam até o começo da década seguinte, obtendo reconhecimento de artistas, da mídia e do público em geral. Foi ainda de fundamental importância para alunos da Universidade Federal do Ceará (UFC), segundo descreve a jornalista Izabel Gurgel, que, entre 1986 e 1988, atuou como assistente de curadoria e de comunicação da Arte Galeria:

“Os encontros na galeria tocada pela Dodora [Guimarães] foram uma iniciação, uma escola intensiva para estudantes^x que se cruzavam no [Campus do] Benfica por conta das atividades universitárias nos cursos de Arquitetura, Sociologia, Psicologia, Comunicação...”
(GURGEL, 2021)

Nas inúmeras exposições que abrigou em seus espaços – coletivas como as que reuniram, ao mesmo tempo, nomes emergentes e artistas que já tinham firmado seu lugar no circuito da arte; mostras individuais ou projetos temáticos, como o do Cometa Halley; apostando ainda em promessas locais, caso do grupo Fratura Exposta^{xi}, surgido na periferia da cidade –, a Arte Galeria permitiu que Fortaleza expandisse seus horizontes artísticos num período em que *acontecimentos* culturais quase se restringiam ao eixo Rio-São Paulo e as demais galerias da capital cearense ainda mantinham, por assim dizer, uma linha mais próxima da tradição. A natureza renovadora, o senso profissional e sua relevância no cenário local eram ratificados:

A Arte Galeria se supera a cada exposição que realiza. Por seu caráter inovador, e pela persistência em torno de um trabalho sério e honesto para com a contemporaneidade da arte, a galeria, dirigida pela publicitária Dodora Guimarães, vem conquistando belamente o seu espaço. E quem mais ganha com isso é a arte brasileira, e a cearense em particular, e o público fortalezense, evidentemente. (TRIBUNA DO CEARÁ, 1986, p.1)

Atualização e humor

A chegada da versão da instalação-grafite *A festa na casa da Rainha do Frango Assado* à Arte Galeria, em 13 de agosto de 1986, foi exaltada pela mídia, que viu no evento uma oportunidade de atualização (Imagem 4). “O surgimento do graffiti como obra-de-arte, imbuído em novos costumes de comportamento, é uma demonstração real de que os artistas nascem do cotidiano e que suas obras, indubitavelmente, aprimoram-se para acompanharem sua época” (sic), escreveu o semanário *Fort News* (1986, n.p). Outros aspectos da mostra foram destacados: “(...) com a participação lúdica do espectador, os graffitis-recortes podem criar inúmeras situações, dando a cada associação um renovado sentido de humor – característica contagiante do trabalho de Alex Vallauri” (sic), publicou o jornal *O Povo* (1986, p. 2-1) em reportagem na capa do *Segundo Caderno*, dedicado aos assuntos artísticos e culturais.



Imagem 4. Reprodução de matérias publicadas por jornais de Fortaleza (Foto do autor)

Ao contrário da grandiosidade da instalação na Bienal de São Paulo, que ocupou diversos espaços nos andares do Pavilhão do Ibirapuera e buscava simular alguns cômodos que podem fazer parte de uma residência, em Fortaleza, de acordo com a matéria de *O Povo* (1986, p.2-1), a montagem sugeria “uma sala, em que se encontram pessoas conversando, um trompetista tocando para entretê-las, um bar-graffiti, um bar-man servindo drinks e um succulento frango assado numa lareira-

graffiti” (sic). Porém, evidenciava o texto, ficou resguardado “o mesmo espírito da proposta da Bienal”.

Reverendo imagens publicadas pela imprensa, é possível notar algumas similaridades e as muitas diferenças entre as duas instalações, bem como a presença de elementos comuns – caso da pin-up, de maiô e sapatos altíssimos, sentada em um banco, portando um telefone cujo fio saia do interior de um frango que descansa sobre o balcão do bar (Imagem 5). Havia outros personagens recortados em PVC de dimensões “quase reais”: o barman, uma “mulher pantereta” sentada em um pufe, um sanfoneiro e o trompetista, que “tocava” diante de um microfone e de uma escala musical – notas “emitidas” pelo instrumento. Afinal, era uma festa (do olhar)!

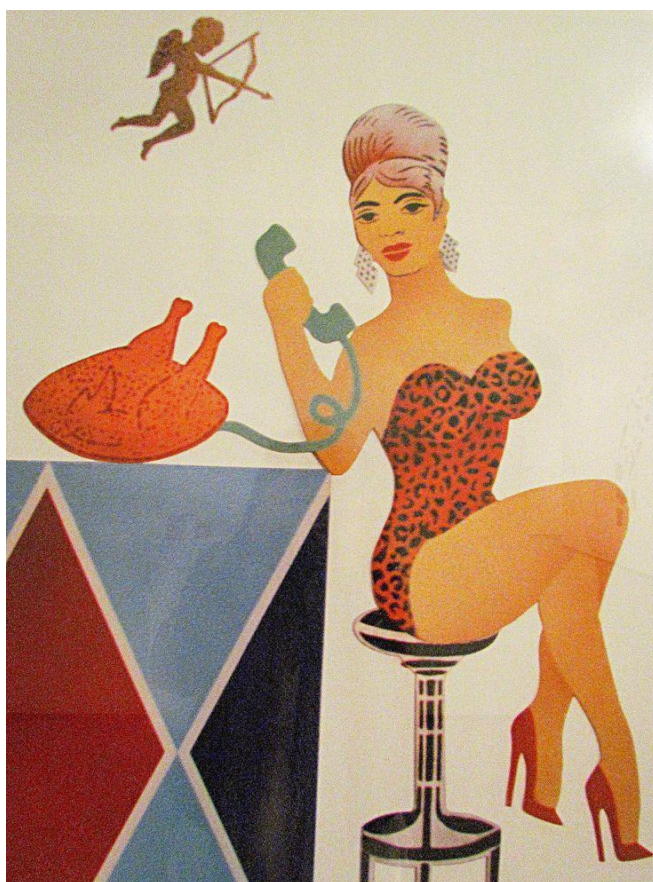


Imagem 5. Alex Vallauri. *A Rainha do Frango Assado visita a Rainha do Ceará* (Instalação – detalhe). Autoria desconhecida. Reprodução da internet

As paredes estavam “decoradas”, além de uma janela com a imagem noturna de Nova York, por um vaso de flores sobre uma espécie de peanha, cartola e luva de mágico, estrelinhas, cometinhas e coxas de frango, que pareciam flutuar, da mesma maneira que os cupidos e bruxas espalhados por todo ambiente; brinquedos como piões;



animais – porcos, papagaio, tucano e jacaré –; taças, nas quais os *drinques* eram “servidos”, também completavam a cena, que ainda era composta pela já citada lareira, onde o prato principal da comemoração – o frango – estava sendo *assado*.

“As silhuetas e grafites recortados em PVC de Alex são de uma alegria contagiante”, reiterava o 2º *Caderno* do jornal *Diário do Nordeste* (1986, n.p). Por sua vez, a *Tribuna do Ceará* (1986, p.1) avaliou que a instalação era “o primeiro acontecimento graffiti em Fortaleza” (sic). E por esse motivo, atraía “um público curioso, jovem e inteligente”, algo nunca visto na cidade. Em entrevista ao *Fort News* (1986, n.p), Ricardo Oliveira, secretário da Arte Galeria, confirmou que a exposição estava sendo bem recebida: “A visitação tem sido intensa, especialmente pelo público infantil”.

O texto da *Tribuna do Ceará* (1986, p.1) acrescentava que “a vinda de uma exposição tão bem-humorada como esta é pra levantar o astral e sacudir a poeira” (sic), focalizando o panorama local num momento em que Fortaleza, por exemplo, não contava com um curso superior de artes, também não se identificava uma atuação regular da crítica e os espaços institucionais funcionavam precariamente.

“Alex vive nos muros”

Sete meses após a exposição cearense, Alex Vallauri – “um ‘mágico’ de extravagante sensibilidade que passou a desenhar em muros e paredes” (...), segundo palavras do *Fort News* (1986, n.p) – faleceu em São Paulo, no dia 27 de março de 1987, aos 37 anos de idade. Como relembra João J. Spinelli (2010, p. 154), o artista “foi respeitado em todas as suas atividades” – desenhista, gravador, pintor, designer e pesquisador –, mesmo que lhe tenha sido negado o sucesso comercial, “o que jamais o impediu de continuar a criar”.

Spinelli (2010, p. 154) ainda salienta que “antes de a criação artística *in situ* se tornar foco de discussões, Vallauri idealizou obras para lugares determinados”, como as que deixou em Fortaleza. “Intervenções urbanas efêmeras situam-no como um dos precursores do *site specific* no Brasil”, observou o crítico (p. 154), adicionando mais um *pioneirismo* ao vasto currículo desse “artista transformador perfeitamente engajado ao seu tempo e ao seu espaço”. Vallauri, no entender de Spinelli,



intuitivamente pressentiu essa brevidade temporal. Tinha pressa de entender, captar e vivenciar o pouco tempo que a vida lhe destinara. Pesquisava e produzia sem parar, nunca se acomodava. Ele queria mais, precisava de mais. O tempo foi demasiadamente curto para uma produção tão farta e boa. (SPINELLI, 2010, p. 154)

O reconhecimento à obra e à trajetória do artista veio de várias maneiras. Em livro, no qual Edward Lucie-Smith (2010, p. 378) faz sua *própria* leitura da arte contemporânea – *Art Today*, cuja primeira edição data de 1995 –, Alex Vallauri aparece como um “bom exemplo” de experimentos que deslocam os visitantes da condição de meros *espectadores a participantes*. Outro aspecto que chamou a atenção do crítico e historiador da arte foram as instalações do artista, que “parodiavam o estilo de vida da classe média paulistana” (p. 380) – no volume, aparece fotografia de detalhe da cozinha da *Festa na Casa da Rainha do Frango Assado* na XVIII Bienal de São Paulo.

De acordo com Spinelli (2010, p. 16), o efeito dessa menção foi a inclusão, com destaque, de obras de Vallauri na coletiva *Art of the Fantastic: Latin America – 1920-1987*, nos Estados Unidos (Indianapolis, Nova York e Miami), inaugurada no mês seguinte à morte do artista, que apresentou um vasto panorama da arte latino-americana por meio de dezenas de artistas de três diferentes gerações.

A partir de então, retrospectivas, homenagens e exposições póstumas não cessaram ao longo dos anos. Somente para citar algumas dessas ocasiões, uma mostra no Museu da Imagem e do Som (MIS) paulistano, intitulada “Viva Vallauri”, aberta no final de 1998, reuniu aproximadamente 650 itens entre trabalhos e referências pessoais do artista. No ano de 2013, outra grande exposição nomeada “Alex Vallauri: São Paulo e Nova York como suporte”, no MAM-SP, exibiu amostras de serigrafias, xilo e litogravuras, desenhos e recortes-grafites... Em 2021, numa parceria entre o Museu Nacional da República e a Galeria Index, em Brasília, foram expostas obras em técnicas e materiais diversos. O legado de Vallauri também fez com que passasse a ser comemorado, em 27 de março, o Dia do Grafite. Mas, o principal agradecimento veio das ruas.

Logo após o seu falecimento, em muitos endereços da capital paulista podia ser avistada nas paredes – suporte que ajudou a consolidar – a frase “Alex vive nos muros”. Em Fortaleza, José Paulo Araújo (1987, p. 1) reforçou: “Morreu Alex Vallauri.



O nome pode ser desconhecido para muita gente, mas os muros e grafiteiros de todo o Brasil sentem sua falta”. Na matéria datada de 11 de abril de 1987, publicada em *O Povo*, o jornalista ainda ouviu artistas cearenses que ressaltaram a importância e a contribuição de Vallauri para as artes visuais. Sérgio Pinheiro, por exemplo, revelou o desejo de conservar os grafites deixados na cidade; enquanto Mário Sanders mostrou-se estimulado a experimentar a técnica. Hélio Rola (1936) completou: “Quando o artista se expressa no muro, ele sai do confinamento das galerias e ateliês (...). A arte passa a ser julgada por todos” (*apud* ARAÚJO, 1987, p. 2-1).

Diferentemente da produção em PVC ou sobre papel, os trabalhos de Alex Vallauri que tinham a parede como *tela* sofreram os efeitos do tempo e suas marcas físicas foram apagadas. Na atualidade, para serem apreciados, é necessário acessar registros audiovisuais e a documentação imagética disponível em torno dos grafites que o tornaram um artista *popular*. No entanto, na memória de quem os viu, sua presença tornou-se indelével.

Referências

A visita da Rainha do Frango Assado à Rainha do Ceará. In: **Tribuna do Ceará**, 22 de agosto de 1986, p. 1. 2º Caderno.

Alex Vallauri: A bruxa está em Fortaleza. In: **Diário do Nordeste**, 13 de agosto de 1986, n.p. 2º Caderno.

AMARAL, Aracy. Uma nova pintura e o Grupo Casa 7. In: **Textos do trópico de Capricórnio: artigos e ensaios (1980-2005) – Vol. 3: Bienais e artistas contemporâneos no Brasil**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

ARAÚJO, José Paulo. O grafite transcende aos muros (sic). In: **O Povo**, 11 de abril de 1987, p. 2-1.

GURGEL, Izabel. **Entrevista Nota 10: Izabel Gurgel e a arte que presenteia os jardins da vida**. Disponível em: <<https://www.unifor.br/-/entrevista-nota-10-izabel-gurgel-e-a-arte-que-presenteia-os-jardins-da-vida>> Acesso: mar. 2023.

Imagine: O Planeta saúda o Cometa. Fortaleza: ARTE Galeria, 1986. Catálogo de exposição.

Instalação Graffiti de Vallauri: Uma arte marginal. In: **Fort News: O Jornal de Domingo**, 24 de agosto de 1986, n.p.



NAME, Daniela. Corpo, memória e subjetividade nos anos 80. In: **Onde está você, Geração 80?**. Organizado por Márcio Gobbi. Rio de Janeiro: Recife: Brasília: CCBB, 2004/2005. Catálogo de exposição.

Nos graffitis de Alex Vallauri um renovado sentido de humor. In: **O Povo**, 13 de agosto de 1986, p. 2-1.

PIGNATARI, Décio. Hail Halley! / Saravá Halley!. In: **Imagine: O Planeta saúda o Cometa**. Fortaleza: ARTE Galeria, 1986. Catálogo de exposição.

SPINELLI, João J. **Alex Vallauri: graffiti: fundamentos estéticos do pioneiro do grafite no Brasil**. São Paulo: BEI Comunicação, 2010.

SPINELLI, João J. (texto). Alex Vallauri: São Paulo e Nova York como suporte. In: **Alex Vallauri: São Paulo e Nova York como suporte**. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2013. Catálogo de exposição.

VILLAÇA, Mauricio. **A Rainha do Frango Assado visita a Rainha do Ceará: Instalação Gaffiti de Alex Vallauri**, 1986, n.p. Folder de exposição.

WEISS, Ana. Viva Vallauri!. In: **O Estado de S. Paulo**, 16 de novembro de 1998, p. D12. Caderno 2.

Notas

ⁱ Em 2023, a obra de Sérvulo Esmeraldo é tema da retrospectiva *Linha e Luz* em unidades do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), com itinerância iniciada no Rio de Janeiro.

ⁱⁱ Além dos citados ao longo do artigo, integravam a mostra que evocava o cometa: Antonio Peticov (1946), Carlos Moraes (1951), Emmanuel Nassar (1949), Gilvan Samico (1928-2013), Ivan Freitas (1932-2006), José Cláudio (1932), Julio Plaza (1938-2003), León Ferrari (1920-2013), Luiz Henrique Schwanke (1951-1992), Marcelo Nitsche (1942-2017), Nelson Felix (1954), Paulo Bruscky (1949), Raul Córdula (1943) e Tomie Ohtake (1913-2015).

ⁱⁱⁱ Técnica anterior à serigrafia, utiliza máscaras ou matrizes recortadas em cartão ou metal para reproduzir a forma desejada em suportes variados com o uso de tinta ou spray.

^{iv} Vallauri participou da exposição-marco carioca, entre outros, ao lado de Leda Catunda, já mencionada, e dos artistas Leonilson (1957-1993), Mônica Nador (1955) e Sérgio Romagnolo (1957), que também tinham obras na coletiva "Imagine: o Planeta saúda o Cometa", na Arte Galeria, em Fortaleza.

^v Junto com a *Grande Tela*, que causou polêmica ao dispor, lado a lado, dezenas de pinturas de autoria de diferentes artistas.

^{vi} "Até hoje uma das maiores ambientações internas em instituições culturais (não só no nosso país), a obra de Alex Vallauri já podia ser vista a partir do piso térreo do Pavilhão da Bienal, e percorria vários andares até chegar propriamente à casa da rainha (...)". (SPINELLI, 2010, p. 133)

^{vii} A Rainha do Frango Assado chegou a ser *materializada* pelas atrizes Claudia Raia, em clipe no programa *Fantástico* da Rede Globo, gravado durante a Bienal, e Mara Borba, que protagonizou espetáculo performático, em 1987, com a concepção, cenário e figurinos de Vallauri.

^{viii} Criação do artista, as "mulheres panteretas" portavam as indefectíveis botas e luvas pretas.

^{ix} Atualmente, Dodora Guimarães preside o Instituto Sérvulo Esmeraldo, entidade que se dedica à preservação e à divulgação da obra e do legado do artista.

^x O autor do artigo foi um dos que se beneficiaram das atividades promovidas pela Arte Galeria.

^{xi} Da mostra "Pinturas e Performances" do Fratura Exposta, na Arte Galeria, em novembro de 1985, participaram Assis Castelo Branco (1967), Cardoso Jr. (1966), Jorge Luiz (1959), Kelson Teles (1961), Mário Sanders (1960) e Sebastião de Paula (1961), que compunham o *coletivo* e simultaneamente seguiam carreira solo.